
A Pedagogia como saber

ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS¹

¹ Mestre em Filosofia, Professor titular do Centro Universitário FUMEC

O que se pensará aqui é a inserção nas teorias da educação de uma modalidade de saber que dê conta de situar a possibilidade de um estatuto epistemológico para a Pedagogia no contexto de uma reflexão que compreenda a sua cientificidade e sua dimensão gnosiológica. Ou seja, enquanto teoria do conhecimento dentro de uma forma de reflexão que aponte para uma prática pedagógica voltada para o concreto das relações sociais. Desta forma, o propósito é fundar um discurso no âmbito das teorias sobre a Educação que dê conta de pensar a Pedagogia como um saber com características próprias, principalmente quando fundado em postulados e princípios de uma filosofia política em uma expressão e fundamentação dialética e no lastro histórico que a fez método de investigação do ser social. Percebendo o sujeito político imerso em contradições, porém sempre a produzir transformações e sempre sendo produzido por estas transformações.

Para se pensar a Pedagogia na sua cientificidade, avaliando a natureza de seu saber, não se se inspirará nos modelos das ciências experimentais, mas na prática discursiva desta modalidade de saber, no que tem de específico e original, enquanto ciência social, na sua dimensão política. E enquanto saber que

busca no fenômeno da educação seu objeto privilegiado de investigação. Na atualidade, este tipo de trabalho de investigação requer uma delicada operação de resgate nos variados saberes de conhecimentos instrumentais e de fundamentação que ofereçam ao discurso pedagógico indicações precisas rumo ao cristalino do seu ser enquanto saber, e rumo ao busílis fundamental de seu movimento na forma de práticas do fazer e da discursividade. Daí a importância da Lingüística e das Filosofia da Linguagem. Principalmente, nas versões mais atualizadas e nos autores mais significativos. Para se descobrir que há uma Pedagogia muito importante sendo produzida hoje, do ponto de vista epistemológico e que não desconhece sua dimensão política nem reedita o velho dualismo cartesiano.

Assim, sem elaborar uma reflexão que fale de uma Pedagogia cartesiana, aponte para a possibilidade de uma episteme em que a materialidade das relações sociais seja considerada numa abordagem em que a negatividade dos fenômenos receba uma leitura dialética e uma compreensão não idealista do sentido das contradições. Desta forma, aponte os traços do que seria do ponto de vista teórico uma pedagogia não cartesiana, tanto em seus aspectos teóricos quanto em seu aspecto prático. Como exemplo desta forma de prática, frise-se a significação do processo avaliativo, quase sempre feito nos modos do cartesianismo, mesmo quando o conhecimento transmitido se fundamenta em teorias e princípios dialéticos. O movimento do processo da produção do conhecimento se vê atravessado por contradições que não se resolvem na mera discursividade.

E, no sentido da ação e no sentido da produção de teorias, há um enorme prejuízo. Como fundamento da argumentação apresentada, vale lembrar a conhecida máxima produzida no contexto do saber dialético: sem teoria científica, não há prática científica. É do conteúdo desta teoria que é preciso examinar o estatuto de cientificidade da Pedagogia. Sendo que o processo de avaliação faz parte integral da produção desta teoria. E, concretamente, avaliar o sentido prático e legítimo desta modalidade de conhecimento é um dos maiores desafios que se tem a vencer.

É dele que se podem extrair os critérios mais genuínos e originais para dimensionar a ação educativa e do ponto de vista metodológico ter uma ação precisa endereçada aos movimentos de libertação. Principalmente, imbuir a tarefa transformadora essencial que é construir uma Educação que, de verdade, eduque o povo, em seu sentido mais elementar. Sem se tornar ideologia da doutrinação, em que onde a banalidade seja cometida sem nenhum aviso, em nome de causas desconhecidas ou revestidas de caráter pessoal, numa espécie de causa própria. Desta maneira, quando se dimensiona o sentido do método mais apropriado para ser seguido, tome-se aqui a indicação de um pesquisador dialético:

“A dialética em Marx não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo”. (Gadotti, 2000, p.19)

Mas veja-se também uma outra vertente. Para isto, é necessário neste contexto citar aquele que é visto como o símbolo da Epistemologia contemporânea, Bachelard, e a noção de obstáculo, quando vai se fazer ciência. Ele problematiza com muita simplicidade:

“Quando se investigam as condições psicológicas do progresso das ciências, chega-se rapidamente à convicção que se tem de colocar o problema do conhecimento científico em termos de obstáculos”. (Bachelard, 1948, p. 15)

Esta noção é de fundamental importância no movimento da produção do conhecimento científico, e sobre ela a compreensão dos procedimentos do fazer ciência torna-se mais visível e palpável, principalmente quando está associada às noções de corte e ruptura, que são uma espécie de chave para se entender quando realmente está acontecendo a produção de um conhecimento científico.

Decorrem assim desta noção estes termos muito significativos. Portanto, Bachelard introduziu na reflexão epistemológica a noção de ruptura e corte, para especificar bem o momento em que se dá o nascimento de uma modalidade de saber de natureza epistêmica. A este autor é preciso recorrer para espe-

É dele que se podem extrair os critérios mais genuínos e originais para dimensionar a ação educativa e do ponto de vista metodológico ter uma ação precisa endereçada aos movimentos de libertação. Principalmente, imbuir a tarefa transformadora essencial que é construir uma Educação que, de verdade, eduque o povo, em seu sentido mais elementar. Sem se tornar ideologia da doutrinação, em que onde a banalidade seja cometida sem nenhum aviso, em nome de causas desconhecidas ou revestidas de caráter pessoal, numa espécie de causa própria. Desta maneira, quando se dimensiona o sentido do método mais apropriado para ser seguido, tome-se aqui a indicação de um pesquisador dialético:

“A dialética em Marx não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo”. (Gadotti, 2000, p.19)

Mas veja-se também uma outra vertente. Para isto, é necessário neste contexto citar aquele que é visto como o símbolo da Epistemologia contemporânea, Bachelard, e a noção de obstáculo, quando vai se fazer ciência. Ele problematiza com muita simplicidade:

“Quando se investigam as condições psicológicas do progresso das ciências, chega-se rapidamente à convicção que se tem de colocar o problema do conhecimento científico em termos de obstáculos”. (Bachelard, 1948, p. 15)

Esta noção é de fundamental importância no movimento da produção do conhecimento científico, e sobre ela a compreensão dos procedimentos do fazer ciência torna-se mais visível e palpável, principalmente quando está associada às noções de corte e ruptura, que são uma espécie de chave para se entender quando realmente está acontecendo a produção de um conhecimento científico.

Decorrem assim desta noção estes termos muito significativos. Portanto, Bachelard introduziu na reflexão epistemológica a noção de ruptura e corte, para especificar bem o momento em que se dá o nascimento de uma modalidade de saber de natureza epistêmica. A este autor é preciso recorrer para espe-

cificar o sentido daquilo que deve ser compreendido como Epistemologia. Pois ela é histórica e herdeira da dialética. Para se criarem as condições de pensar a Pedagogia no seu estatuto científico, acima de tudo na sua manifestação enquanto discurso, necessita-se averiguar o que se compreende por sujeitos jogados no trabalho da ação cotidiana. Imersos em um fazer em que a aparência de um saber que aniquila é inútil. Pois, quando o sujeito da Pedagogia experimenta uma repetição que o deixa exausto, torna-se infeliz e sem perspectiva. E sua ação política é a de um sujeito imobilizado.

Pode com isto, ao ouvir o discurso pedagógico, ficar sem saber o que na verdade significa a Educação. Pois não vê o fazer como um possível acontecer. E, sendo assim, o reino do não sentido manifesta e ameaça o seu ver e o seu ser, pois é desastroso pensar o impensável. Como se situar no turbilhão da História? Quais as possibilidades de ser um sujeito livre? A questão é posta da seguinte forma pelo discurso dialético:

“Não se trata, portanto, de saber apenas como se passa a dialética do conhecimento e muito menos de reduzir a dialética da natureza ao puro conhecimento, como fazia Hegel. Para ele o mundo não passava de uma sucessão de idéias”. (Gadotti, 2000, p.21)

Para ele o mundo era constituído pelos movimentos do pensamento. E as manifestações do saber e suas repercussões em vários matizes repercutiram de forma desfavorável nos domínios do saber pedagógico. E é desta diversidade que se pode verificar a maior riqueza presente no cerne do saber de natureza pedagógica. Por isto mesmo, é preciso fazer o registro de outras manifestações da prática pedagógica com marcações epistêmicas distintas da que foi utilizada. Pois a Pedagogia que se busca pensar aponta para uma nova era. É inegável que um novo ser se manifesta no sujeito da Pedagogia, e uma atenção especial ao tema da Linguagem e seus efeitos de alcance político é de fácil constatação.

E foi assim que na França surgiu um traço novo deste saber, que foi chamado e caracterizado como Pedagogia Terapêutica. Sua maior representante, Maud Mannoni, disse: “Há quinze anos

a estudar crianças que muitas vezes se consideravam como incuráveis, fui levada a discutir a própria noção de debilidade". (Mannoni, 1977, p.19) — ao estudar casos de crianças débeis reeducadas através de práticas referendadas em conceitos da Psicanálise. Sem dúvida que também na Psicanálise há possibilidade de o sujeito da pedagogia refletir suas construções teóricas e a produção do saber pedagógico. O que é pensar a si no seu ser e na sua prática cotidiana aberto a toda a uma confrontação com o pensar o mundo? Mas sem deixar de pensar a si com o saber e com a política. Como possibilidade de tornar-se um sujeito feliz e alegre com o seu modo de ser.

A fundamentação dialética da prática educativa convoca o sujeito do conhecimento para o engajamento e para a ação. A necessidade de pensar a natureza deste saber passou a ser a tarefa singular do pedagogo, que hoje indaga seu saber como se na indagação estivesse também uma pergunta sobre o porquê deste projeto de ser sujeito do conhecimento. Daí a indagação como uma referência: qual a natureza desta fidelidade na exaustiva tarefa de agir e compreender qual o significado dessa práxis? Naturalmente abrangendo o significado da produção teórica no projeto de pesquisar se a Pedagogia é ou não uma ciência. É ciência ou saber? Está aí um dos questionamentos de farta fundamentação epistemológica e se inscreve dentro daquilo que o epistemólogo chamou de "epistemologias não cartesianas". (Bachelard, 1968, p.111)

Tome-se como exemplo mais um autor da epistemologia. É bom usar comparações para livrar o discurso dos dogmas. Além de tornar viva uma ocasião de observar as vertentes da episteme mais praticadas e de maior fundamentação teórica e filosófica. É preciso repensar os espaços, e, para Foucault, espaço é Poder. Então, é preciso repensar o Poder. Assim se expressa o autor em um de seus textos, publicado na forma de entrevista em *Microfísica do Poder*:

"nosso embaraço em encontrar as formas de luta adequadas — não virá de ainda ignoramos o que é o poder? Afinal de contas, foi preciso esperar o século XIX para saber o que era exploração; mas talvez ainda

não se saiba o que é o poder.

E Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder". (Foucault, 1979, p.75)

É por isto que foi dito ser necessário repensar os espaços. Pois espaço, para Foucault, também é poder que se associa ao saber. Por isso é um dos que reinventou a epistemologia e apresentou a Pedagogia como um saber. Sendo saber ou ciência, a questão mais urgente de definição é a compreensão que a Pedagogia em sua cientificidade é práxis política e o sujeito da Pedagogia é aquele que se exercita e trabalha com a palavra. Desta forma, o que se delimita aqui é o que fazer para tornar a questão do ensino e da pesquisa em Pedagogia uma prática que vise produzir o sujeito das transformações políticas e das mudanças sociais e morais.

Feitas estas considerações, pode-se perguntar como construir um projeto que dê conta de levar o aluno, enquanto sujeito do conhecimento, a acreditar em seu projeto de ser pesquisador e sujeito das transformações sociais e políticas. É preciso uma breve advertência, pois, se a formação deste sujeito foi muito marcada pela noção de ideologia, há o risco dos dogmas e da perda da crítica, muito comum em épocas de crise e de muito obscurantismo. A maneira de pensar decorrente da noção de ideologia como um recorte do marxismo pode, em algumas situações, contribuir para um não querer pensar através de outras modalidades do conhecimento.

Pensando neste referencial, a fundamentação epistêmica da Pedagogia, frente às contingências históricas de uma atualidade conturbada, exige uma forma de saber que teria que dominar todos os métodos de investigação, numa absoluta anulação de toda forma de passividade. Neste ponto a questão da prática merece um cuidado todo especial, pois o mero situar a problemática em termos de teoria e prática é bastante insatisfatório para tal situação dentro do rigor que ela exige. Pois a prática da leitura e a prática da escritura teriam que ser inteiramente repensadas.

Abrindo com isso um outro patamar para se definir o conhecimento e a aprendizagem. Significando tudo isso uma análise criteriosa de todo o mecanismo institucional, sua função e seu compromisso para com toda a sociedade, que sempre demanda saberes que ofereçam direções mais viáveis e mais legítimas para seus movimentos e sua sobrevivência.

Também uma interferência e uma mudança no *ethos* do aluno são de importância indiscutível. É preciso educá-lo para saber ouvir e mostrar a ele que uma discursividade inerte é alienante e improdutiva.

Além de ser desfavorável à verdade do seu ser. Sendo este tipo de tarefa o que se coloca com maiores dificuldades, pois a questão ética, numa era de niilismo, quase não encontra ressonância em termos de modo de ser ou em termos de valores. Mas é preciso que o sujeito do conhecimento atente para a importância de ser fiel à realidade de um acontecimento ou ser fiel a uma escolha ou ser leal, quando se estabeleceu um pacto de lealdade. Perguntar o que é ser ético não deixa de ser perguntar sobre a verdade de um ser, que enquanto pergunta se desamarra dos dogmas que aprisionam o ser que não vive na falta de um saber. O sujeito do conhecimento, ao perguntar sobre seu ser, pergunta também pelo ser e pela verdade do saber pedagógico, e isso lhe abre incontáveis horizontes.

A colocação destas indagações visa apenas abrir um debate que trate da especificidade da Pedagogia, saber fundamental para os tempos desta atualidade atormentada e imersa em contradições de toda ordem. Nas suas variadas manifestações e na sua multiplicidade, enquanto prática e enquanto saber de engajamento político e social, se caracteriza pelos seus inúmeros compromissos sociais, através de veladas promessas de tornar o mundo melhor e mais habitável. O ideal não seria exercer uma ação em torno de um modelo de epistemologia, mas buscar fazer o percurso de todos eles, para que o sujeito do conhecimento, principalmente representado no aluno, ousasse ir um pouco mais na experiência do pensar, quando fosse ao encontro de uma realidade contraditória e inusitada.

Para um fechamento das reflexões aqui levantadas, ficarão estas breves indicações de Foucault, que já foi citado em um momento anterior.

"A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem, à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?"(Foucault, 1995, p. 31-32)

Não há como ser a consciência do outro, como já ensinaram alguns autores. Mas é preciso ficar atento aos acontecimentos, àquilo que pode num breve instante surpreender. Se a Pedagogia aponta para uma prática epistêmica, não pode deixar de olhar a sociedade e buscar compreender sua situação política. Sem este referencial prático irá imperar, sem dúvida, uma concepção do sujeito pensante cartesiano, que não passará de uma prática idealista e ideologicamente comprometida com os interesses dos dominadores. E do poder de um modo geral.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. *La formación del espíritu científico*. Buenos Aires: Argos, 1948.
- BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MANNONI, M. *A criança atrasada e a mãe*. 3.ed. Lisboa: Moraes, 1981.

A PEDAGOGIA COMO SABER

Este artigo visa formular a possibilidade de um estatuto epistemológico para a Pedagogia, apontando na prática pedagógica o concreto das relações sociais, buscando fundar um discurso no âmbito das teorias sobre a Educação.

É um trabalho de investigação que procura resgatar, nos saberes, conhecimentos instrumentais e de fundamentação, para descobrir se há uma Pedagogia sendo produzida hoje em uma perspectiva epistemológica, distante do cartesianismo e conhecedora de sua dimensão política.

Considerando as condições de pensar a Pedagogia no seu estatuto científico, busca-se averiguar o que se compreende por sujeito na ação cotidiana, para saber o que é um sujeito imobilizado.

A questão central é saber se a Pedagogia aponta para uma prática epistêmica e se, ao olhar para a sociedade, consegue compreender sua responsabilidade política.

Palavras-chave: *Prática pedagógica; estatuto epistemológico; cartesianismo; sujeito imobilizado; política.*

PEDAGOGY AS KNOWLEDGE

This article purposes viewing the possibility of an epistemological statute for Pedagogy, pointing out, in the pedagogic practice, the concrete side of the social relationships, searching for the establishment of a speech in the ambit of the Education theories.

It is an investigation work that looks for rescuing, in knowledge issues, instrumental and basic knowledge, in order to find out if there is a Pedagogy being produced nowadays under an epistemological perspective, far from cartesianism and aware of its political dimension. Considering the conditions for thinking of Pedagogy in its scientific statute, we try to ascertain who the subject of the daily actions is so as to know what an unmoving subject is.

The central issue is to know whether Pedagogy is bound for an epistemological practice and if, when looking at society, it is able to understand its political responsibility.

Key Words: *Pedagogic practice; epistemological statute; cartesianism; unmoving subject; politics.*

Resumo

Abstract

Résumé

LA PÉDAGOGIE EN TANT QUE SAVOIR

Cet article entend formuler un statut épistémologique pour la Pédagogie en indiquant, dans la pratique pédagogique, le concret des rapports sociaux ; on cherche par là à fonder un discours dans le champ d'action des Théories de l'Éducation. Il s'agit d'un travail de recherche qui essaie de récupérer, dans les savoirs existants, des connaissances instrumentales et des fondements afin d'apprendre s'il y a actuellement une Pédagogie qui est produite dans une perspective épistémologique, éloignée du cartésianisme et connaissant sa propre dimension politique. On y analyse le sujet dans ses actions quotidiennes pour saisir ce qu'est un sujet immobilisé. La thèse centrale de l'article porte sur la question de savoir si la Pédagogie va dans le sens d'une pratique épistémique et si cette discipline est en mesure de comprendre la portée de sa responsabilité politique.

Mots-clés : Pratique pédagogique; statut épistémologique; cartésianisme; sujet immobilisé; politique.